



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS RIBEIRO BORGES

**O RAP COMO POSSIBILIDADE DE LAZER EMANCIPATÓRIO NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

BRASÍLIA

2023



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS RIBEIRO BORGES

**O RAP COMO POSSIBILIDADE DE LAZER EMANCIPATÓRIO NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Trabalho apresentado à Universidade de Brasília como parte do componente curricular para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física.  
Orientador: Dr. Edson Marcelo Húngaro.

BRASÍLIA

2023



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS RIBEIRO BORGES

**O RAP COMO POSSIBILIDADE DE LAZER EMANCIPATÓRIO NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Trabalho apresentado ao departamento de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito final para à obtenção de licenciado em Educação Física.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2023

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Edson Marcelo Húngaro

Orientador

---

Prof. Dr. Pedro Fernando Avalone Athayde

Avaliador

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida: mãe, avó Vânia e a minha companheira Melissa. Sem vocês eu não estaria aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por sempre me apoiar e me enxergar como capaz para realizar os meus sonhos. Te amo!

Agradeço a minha avó Vânia por todo amor, carinho e conselhos durante a minha jornada na faculdade, sem você eu não estaria aqui. Te amo!

A mulher que chegou depois na minha que enxergou algo em mim que eu mesmo não enxergo. Obrigado por toda compreensão e apoio. Te amo Melissa!

Agradeço ao meu irmão por me fazer um homem melhor. Essa graduação também é por você. Te amo!

Agradeço aos meus tios Nívea e Leandro por sempre me apoiar e me ouvir. Amo vocês!

Agradeço ao meu orientador Marcelo por toda a sua generosidade na minha formação profissional e principalmente na minha formação humana.

Agradeço aos professores Roberto Lião e Victor Bernardes por todos os ensinamentos nos meus estágios. Ambos são exemplos de professores o qual vou perseguir na tentativa de ser um pouquinho do que vocês são.

Agradeço aos meus amigos Tiago, Fernando e Maurício por me dar apoio em um momento difícil no qual foi a minha mudança de graduação e cidade.

Agradeço as minhas amigas Rebeca e Carolina que partilham das angústias e alegrias que uma faculdade pode proporcionar.

Agradeço ao Francisco Assis pela ajuda na minha vinda a Brasília, pelas caronas e pelos conselhos.

Por fim, quero me agradecer pela escolha de fazer educação física. Esta escolha me trouxe mais que apenas uma formação profissional, ela me proporcionou a ser uma pessoa melhor.

O que conforta é que os rappers são tão foda  
Que professor usa as letras conscientes na escola  
Essa nem Paulo Freire podia prever  
Marginalizado virando trabalho escolar, TCC

Eduardo Taddeo – Música: Morreria Feliz

## **RESUMO**

O estilo musical RAP, desde o seu surgimento se caracteriza como um fenômeno que promove a emancipação humana a partir de denúncias das violências presentes na sociedade. Diversas são as letras que contam a realidade vivida por populações brasileiras que em sua maioria é pobre, preta e periférica. Narrar a realidade é uma importante ferramenta no processo de formação humana, haja visto que ocorre a nomeação e com isso a materialização daquilo que se vive. Diante disso, objetivo desse trabalho foi analisar em que medida o RAP pode ser utilizado enquanto uma ferramenta de lazer emancipatório nas aulas de Educação Física. Para tal, foi realizada uma pesquisa a partir do método qualitativo dentro da literatura que aborda o RAP, lazer, educação e educação física. Concluindo que o RAP pode sim ser essa ferramenta que narra, problematiza e promove uma educação para o lazer que produz cultura e aprendizagem.

*Palavras chaves:* Educação emancipatória. Educação física. Lazer. Rap.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>MÉTODO .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>11</b>
<b>3.1</b>	<b>LAZER E TRABALHO: UM CASAMENTO INSEPARÁVEL .....</b>	<b>11</b>
<b>3.2</b>	<b>O LAZER COMO DISCIPLINADOR DA CLASSE TRABALHADORA .....</b>	<b>15</b>
<b>3.3</b>	<b>EDUCAÇÃO PARA O LAZER.....</b>	<b>16</b>
<b>3.4</b>	<b>O RAP E SUA PRODUÇÃO DE APRENDIZAGEM SOBRE O HOMEM .....</b>	<b>21</b>
<b>3.5</b>	<b>MÚSICA COMO REFLEXÃO DA REALIDADE .....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao se estudar o lazer, um dos grandes desafios é conceituá-lo. Vários foram os autores (Dumazedier, Marcellino, Requixá, entre outros) que se debruçaram sobre o fenômeno lazer a fim de entendê-lo e conseqüentemente conceituá-lo. Neste presente trabalho, o conceito tomado foi o de Mascarenhas (2006), extraído do trabalho de Húngaro e Athayde (2011), que diz o seguinte: “uma prática social contemporânea resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia.”

Seguindo tal conceito, nota-se que o lazer não escapa das lutas de classes, já que ele é parte constituinte da sociedade moderna. A sua disputa se dá em diferentes campos - seja no clube, na batalha das ideias, na escola – com a finalidade de torná-lo hegemônico ou contra hegemônico. Nesse contexto, a educação física torna-se privilegiada nesta batalha, pois ela atua diretamente com o fenômeno do lazer. Tal como o lazer, a educação física é um campo a ser disputado na luta de classe.

Então, para um lazer contra hegemônico disputado no âmbito da educação física, está última necessita também ser contra hegemônica. Aqui, uma educação física contra hegemônica é entendida como revolucionária. Medina (2013) caracteriza o que é uma educação física revolucionária:

É a concepção mais ampla de todas. Procura interpretar a realidade dinamicamente e em sua totalidade. Não considera nenhum fenômeno de modo isolado. O ser humano é entendido em todas as suas dimensões e no conjunto de suas relações com os outros e com o mundo. Está constantemente aberta para contribuições das ciências, na medida em que o próprio conhecimento humano evolui. Procura primar sempre pela autenticidade e pela coerência, ainda que compreenda as dificuldades inerentes às contradições da sociedade. (p. 82)

Está concepção necessita se materializar na realidade para emancipar os sujeitos que fazem parte da educação física e emancipar os conteúdos que a permeiam. Desse modo, o lazer no campo da educação física não será tão somente um “momento de compensação e como prêmio relativo ao esforço” (BRACHT, 2003, p. 164), mas sim um momento de aprendizagem e produção de cultura.

Diante disso, há ferramentas a serem utilizadas para interpretar a realidade e uma delas é o RAP. Em um primeiro momento soa estranho relacionar o RAP com a educação física, mas quando se pensa em uma educação física revolucionária, a educação corporal por meio da educação dos sentidos elabora nos sujeitos um olfato, uma visão, um tato, um paladar e por fim uma audição mais refinada. Neste último que entra mais especificamente o RAP, já que uma música que conta o cotidiano e a realidade de indivíduos (na sua maioria marginalizados) que certamente apura a audição.

Para o RAP ser materializado nas aulas de educação física é fundamental que seja trabalhado de forma lúdica, ou seja, como uma expressão do lazer. Nesse momento que a educação para o lazer se torna um aliado para a aprendizagem do rap, pois segundo (BRACHT, 2003, p. 161) assumir o lúdico é:

de certa forma, negar o mecanicismo e a coisificação do humano próprio da racionalidade científica, presente, por exemplo, na concepção mecanicista do corpo humano que tanto fundamentou a intervenção da Educação Física. Afirmar o lúdico seria afirmar o humano do homem, salientando características altamente desejáveis como liberdade, autonomia, criatividade, prazer.

Nesse caminho de afirmação da humanidade, a ludicidade juntamente com o rap possui um caráter emancipatório, pois se o lúdico salienta características humanas, o RAP contribui para que consigamos nos enxergar no outro homem através da sua arte. Não há nada mais emancipatório que nos enxergar como humanos e olhar os outros sujeitos como humanos.

A partir desse exposto, o objetivo do trabalho foi realizar uma breve investigação literária sobre o RAP como lazer emancipatório, a fim de oferecer uma educação crítica nas aulas de educação física. Para isso, foi pesquisado literaturas que tematizam o lazer, o RAP, a educação e a educação física.

## **2 MÉTODO**

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi utilizado o método qualitativo de pesquisa. De acordo com Krippa et al. “os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte.” Diante disso, o método

qualitativo se torna mais apropriado para a compreensão dos avanços e limites do rap como instrumento de lazer emancipatória nas aulas de educação física.

Para a concretização desse método, foi feita uma pesquisa literária em que as suas temáticas principais, de forma isolada ou conjunta, abordassem o lazer, a educação, a educação física e o rap. Posteriormente, realizou-se uma análise com o intuito de relacionar essas temáticas para responder as questões do rap como lazer emancipatório nas aulas de educação física.

### **3 DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1 Lazer e trabalho: um casamento inseparável**

Para se fazer uma reflexão sobre o lazer é imprescindível explicitar a sua relação íntima com o trabalho. Para tal, deve-se saber o que é o trabalho, suas complexidades e contradições. Primeiramente, o que é o trabalho? Húngaro (2001, p.116) afirma que “Para Marx, o trabalho é toda transformação intencional do homem sobre a natureza”. Essa transformação intencional é que nos difere dos demais animais, visto que somos os únicos com a capacidade da teleologia (do pensar prévio).

Marx, em *O Capital*, debate sobre essa diferença essencial do trabalho intencional que nosso gênero desenvolve e o trabalho não intencional, típica das outras espécies animais. Ele descreve um exemplo didático sobre a teleologia:

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante de seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (Marxists, 2023)

O trabalho é um fenômeno exclusivamente humano como dito por Marx, o trabalho é essencial para a produção e a reprodução das nossas vidas, sem ele, é impossível haver vida. É através dele que temos acesso à comida, casa, saúde, educação, segurança, mas o trabalho não é só feito da teleologia. O trabalho deve

transcender o campo da ideia, é necessário colocá-lo em prática para se materializar na realidade.

Segundo Húngaro (2001), o trabalho possui três etapas: o projeto, execução e produto. Como exposto anteriormente, a teleologia é o pensar prévio que constitui o projeto. Após a projeção da ideia na mente, é necessário colocá-la em prática e executá-la. Constituindo a segunda etapa do trabalho.

A execução é o momento que é posto em prática a primeira etapa do trabalho. O homem transforma materialmente a natureza e ao mesmo tempo é transformado, pois a natureza traz resistência a sua mudança Húngaro (2001). Falar que o homem se transforma no trabalho é dizer que minimamente ele saiu com novos conhecimentos na execução, pois, o projeto nunca sairá da forma totalmente idealizada. Sendo assim, a cada execução, tendencialmente o trabalho será mais refinado, já que o homem terá mais conhecimentos e habilidades. Após o executar o projeto, haverá um produto e este é a terceira etapa do trabalho.

O produto é a realização das duas primeiras etapas. Quando ele é efetivado, a realidade estará diferente, pois haverá um novo componente proveniente do trabalho e sua mudança da natureza. Mas não só o produto fará a realidade diferente, o homem que trabalhou também estará diferente e sendo assim, também fará parte dessa mudança na realidade.

Essas três etapas são básicas para haver trabalho, segundo Marx. Mas para trabalhar, o homem necessita de materiais para executá-lo, precisa do acesso aos meios de produções. Quando esses materiais e meios são propriedades privadas, há de se pensar que poucos homens possuem os recursos necessários para trabalhar. A partir do momento que houve a privatização das ferramentas e dos meios de produção, nasce a divisão social em classes: os que possuem os recursos para trabalhar e os que não.

Marx aponta que a história da humanidade é a história das lutas de classes é essa luta que move as eras. Há um ponto em comum nessas lutas que é a disputa dos meios de produção, o direito de trabalhar e viver. Segundo Sodré (1962), as relações de produções são relações sociais e elas definem a sociedade sobre três aspectos:

- forma de propriedade sobre os meios de produção, que é uma relação determinante;
- situação social consequente, com a divisão da sociedade em classes;
- formas de distribuição da produção, estabelecendo os nexos entre a produção e o consumo. (pág. 3)

Ainda em SODRÉ (1962), diante desses três aspectos, a história da humanidade conheceu diversos regimes de produção e organização social: comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo. A forma de produção capitalista será mais analisada, pois é nela que surge o lazer e é nela que o rap a ser debatido surgiu e está inserido.

O trabalho no capitalismo é a forma assalariada. Nele, o burguês (dono dos materiais e meios de produção) contrata o trabalhador para trabalhar nos meios de produção dele e o produto desse trabalho fica com o dono dos meios a qual o trabalhador utilizou. Assim sendo, o trabalhador como recompensa pelo seu trabalho recebe um salário enquanto o burguês se apropria do produto de seu trabalho. Na aparência parece justa a forma de produção capitalista. O burguês precisa de trabalhadores para trabalhar nos meios de produção e os trabalhadores não o farão gratuitamente, haverá a recompensa, o salário. Mas na verdade, o trabalho da forma assalariada é a miséria do homem.

Como já visto, o produto é parte integrante das etapas do trabalho, contudo, o produto no capitalismo não pertence ao trabalhador, mas sim ao burguês. Diante disso, o trabalhador não se enxerga no produto do seu trabalho, pois “privado da propriedade dos meios de produção, o indivíduo não se reconhece mais plenamente no produto do seu trabalho e tem acesso a ele apenas mais tarde, ao comprá-lo no mercado” (Grespan, 2021, p. 25 e 26).

Esse não reconhecimento, essa estranheza ao produto do trabalho é denominada por Marx como alienação. Ainda sobre a alienação, (Húngaro e Athayde, 2011) conceituam o trabalho alienado no sistema capitalista:

tem um sentido negativo em que o trabalho, ao invés de realizar o homem, o escraviza; ao invés de humanizá-lo, o desumaniza. O homem troca o verbo SER pelo TER: sua vida passa a medir-se pelo que ele possui, não pelo que ele é. O trabalhador se distancia do resultado de sua produção, ou seja, do produto final. (p. 19)

O processo de alienação do trabalho é um fenômeno estruturante da forma de produção burguesa, pois ele é uma das causas que possibilita a manutenção do poder da classe dominante (burguesa) sobre a classe oprimida (trabalhadores). Analisando esse fenômeno, Marx concluiu que “a própria ação do homem se torna um poder que lhe é estranho e que a ele é contraposto, um poder que subjuga o homem em vez por este ser dominado”. (acho que nos manuscritos tem isso). Por isso a alienação é estrutural do capitalismo, já que, se a classe dominada não se vê presente na ação do trabalho, não se vê no produto, como ela irá reivindicar poder sobre algo que elas desconhecem?

Portanto o trabalho assalariado é a miséria do homem. É uma forma de trabalho que o indivíduo não possui autonomia para escolher o tipo de trabalho a ser exercido, não leva em conta as capacidades do trabalhador, é uma forma de trabalho que visa somente a subsistência do trabalhador. Para este não há escolha de se submeter ou não ao trabalho assalariado, já que, a ele só sobrou sua força de trabalho após a privatização dos meios de produção.

Ainda que os trabalhadores sejam a classe oprimida, eles não ficaram inertes as contradições que surgiram no modo capitalista de produção. Uma das contradições que sempre será latente na sociedade burguesa é a quantidade de horas da jornada de trabalho. Segundo Húngaro e Athayde (2011) para falar-se de jornada de trabalho, primeiramente é necessário saber o que ela é. Para tal, os autores utilizam uma citação de Marx sobre o que é a jornada de trabalho:

A jornada de trabalho compreende diariamente as 24 horas completas, depois de descontar as poucas horas de descanso, sem as quais a força de trabalho fica totalmente impossibilitada de realizar novamente sua tarefa. Entende-se por si, desde logo, que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho e que, por isso, todo seu tempo disponível é por natureza e por direito tempo de trabalho, portanto, pertencente à autovalorização do capital. Tempo para educação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o preenchimento de funções sociais, para o convívio social, para o jogo livre das forças vitais físicas e espirituais, mesmo o tempo livre de domingo — e mesmo no país do sábado santificado — pura futilidade! (HÚNGARO e ATHAYDE 2011, p. 22, APUD MARX, 1988, p. 388)

A falta de tempo para a vida além do trabalho ocasionou diversas lutas para a redução da jornada de trabalho e conseqüentemente a aquisição de um tempo livre. A primeira grande vitória proletária para a redução da jornada de trabalho foi em 1847,

na Inglaterra, encabeçado pelo movimento cartista inglês. Na ocasião, o movimento conseguiu a redução da jornada de trabalho para dez horas diárias. Todas as conquistas aconteceram por meio das reivindicações e pressões da classe trabalhadora contra a ordem vigente, sendo assim tais reivindicações possui um caráter classista, visto que, a diminuição da jornada de trabalho vai de encontro aos interesses da burguesia, pois, uma diminuição dessa jornada acarretaria menores lucros dessa classe.

Tais conquistas ocorreram em um período histórico em que o capitalismo está se estabelecendo na Europa, as bases materiais de produção desse sistema que ocasionaram as reivindicações por um maior tempo livre.

### **3.2 O lazer como disciplinador da classe trabalhadora**

Com um maior tempo de não-trabalho é possível para o trabalhador vislumbrar novas formas de ocupar o seu tempo, podendo se dizer que, a gênese do lazer advém do ócio, conquistado pela diminuição das jornadas de trabalho.

É importante salientar que o ócio nasce no seio do capitalismo, pois há nele a divisão, manipulação e quantificação do tempo. Então concluiu-se que no capitalismo há um tempo destinado para o trabalho e outro para o tempo livre do trabalhador. Conforme supracitado neste trabalho, Húngaro e Athayde (2011) utilizam da obra de Thompson (1991) para explicitar como era a sociedade pré-capitalista na Inglaterra:

O historiador Edward Thompson (1991), ao estudar as zonas rurais da Inglaterra, no período anterior à industrialização, verificou uma mistura entre diversão, descanso, trabalho e convívio familiar. Naquele tempo, as jornadas de trabalho se modificavam sem que houvesse conflitos entre o trabalho e o “passar o tempo”. (HÚNGARO e ATHAYDE 2011, p. 24)

Ainda sobre a divisão do tempo na ordem burguesa, Marcassa (2002), apresenta:

parece ser a consolidação da ordem capitalista e, com ela, os processos de urbanização, industrialização e modernização das cidades que acabaram rompendo com a continuidade do tempo social, ou seja, determinando medidas de controle e selecionando as atividades que seriam desenvolvidas em cada contagem (espaço) de tempo. Com isso, operou-se uma divisão entre o tempo de trabalho e de não trabalho.

Com o exposto, pode se afirmar que a conquista do direito ao ócio é um fenômeno moderno, é uma conquista histórica dos trabalhadores para terem um maior

tempo de não trabalho. Com um maior tempo livre, os trabalhadores o utilizavam como um espaço de resistência e luta. Tal utilização, torna-se compreensiva para:

que o objeto dos discursos moralistas e conotações punitivas, que buscavam salvaguardar os valores necessários à racionalidade técnica exigida pelo processo produtivo em desenvolvimento, fosse o entendimento do ócio como sinônimo do vício, da imoralidade, da vadiagem, da vagabundagem, da indolência e da perdição. (Húngaro e Athayde, 2011, p.25)

Por meio da retórica de que o ócio é uma prática subversiva, os governantes a serviço da classe dominante, propuseram atividades para a classe trabalhadora a fim de sanar a “doença” do ócio. Diante disso, o lazer começava a se constituir, conforme observado por Marcassa (2002):

Com efeito, o tempo livre começa a fazer parte das preocupações dos governantes e industriais a partir do momento que as atividades nele desenvolvidas, e entre elas o ócio como prática subversiva aos novos padrões de comportamento, opõem-se aos objetivos do capital. Se por um lado a ordem, a moral e o descanso eram vistos como elementos fundamentais para que o trabalhador apresentasse mais disposição para o trabalho, as práticas culturais do tempo livre, ao contrário, configuravam-se como ameaça às normas e aos valores da sociedade vigente. Mais do que depressa, o divertimento passa a ser direcionado, disciplinado e conduzido por uma série de novas atividades lúdicas. Tratava-se de substituir o ócio por uma outra atividade moderna, mais “sadia”, mais “organizada”, mais “educativa”: o lazer

Portanto, o lazer nasce para disciplinar, controlar a classe trabalhadora. A conquista da redução da jornada de trabalho se tornou uma ameaça a classe dominante, já que, a classe operária utilizava esse tempo para resistência e luta contra o sistema vigente. Pois, um maior tempo livre proporciona momentos que podem emancipar o homem através de várias ferramentas, sendo a: composição de músicas, literatura e a organização política exemplos disto. Todas essas atividades podem se tornar perigosas para a classe dominante, afinal, o momento de emancipação do homem está intimamente ligado a transformação da realidade.

### **3.3 Educação para o lazer**

Ao se falar de educação para o lazer é necessário caracterizar primeiramente o que é educação. O homem como ser social acumula conhecimentos adquiridos por meio da transformação da natureza e pelas relações sociais em que está inserido. Então, para que esse conhecimento não se finde com a sua morte, é necessário que ele seja passado para outra pessoa e essa pessoa passe para outra pessoa e assim

por diante. Esse processo de assimilação e transmissão se remete ao que se conhece atualmente como educação.

É notório que a forma de transmissão foi se modificando durante a história e atualmente a escola é o principal meio para essa transmissão. Saviani (2008) põe a gênese da escola moderna:

A constituição dos chamados “sistemas nacionais de ensino” data de meados do século XIX. Sua organização inspirou-se no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado. O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia. Tratava-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa. Para superar a situação de opressão, própria do “Antigo Regime”, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado “livremente” entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados. Como realizar essa tarefa? Por meio do ensino. A escola é erigida no grande instrumento para converter os súditos em cidadãos, “redimindo os homens de seu duplo pecado histórico: a ignorância, miséria moral, e a opressão, miséria política” (Zanotti, 1972, pp. 22-23 *apud* Saviani 2008, p.5)

Nota-se que a escola moderna nasceu como um interesse da nova classe que se consolidou no poder e o seu papel era tornar os súditos em cidadãos. Entretanto, a escola como instrumento da redenção do duplo pecado se tornou uma arma nas mãos da burguesia, pois coube a ela moldar os espíritos da classe trabalhadora e conforme Marx escreveu: a ideologia de um tempo é a ideologia da classe dominante. Freitas e Caldart (2017), em um dos textos selecionados do seu livro, traz Krupskaya que descreve brevemente o papel da escola na sociedade burguesa:

A escola pública [...] dava aos estudantes alguns conhecimentos elementares: governar massas alfabetizadas é mais fácil do que lidar pessoas que não são capazes de ler os regulamentos internos ou ordens do governo, que não podem assinar o seu nome, que são incapazes de fazer um cálculo simples. [...] A escola lhes dá o conhecimento, mas é um presente de grego, ela fornece o conhecimento sob a condição de assimilação da ideologia burguesa pelos estudantes. Incute neles que a ordem burguesa atual é estabelecida pelo senhor Deus, ela é a mais inteligente, a melhor, a mais justa. [...] Em poucas palavras, a tarefa da escola pública é manter os estudantes com a moral burguesa, diminuir a consciência de classe, fazer deles um rebanho obediente, fácil de controlar. (FREITAS E CALDART, 2017, pp. 66-67).

Mesmo com essas contradições que a escola desempenha na sociedade burguesa, é indispensável compreender que esta condição não é estanque, a luta de classes está presente neste ambiente. Há professores e profissionais da educação

que buscam oferecer uma educação contra hegemônica com o intuito de produzir um trabalho educativo emancipatório. Segundo Saviani (2008), o trabalho educativo se caracteriza pelo:

ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo". (p. 13)

Certamente, mesmo a escola de caráter burguês produz humanidade no indivíduo, já que nela o aluno é educado com os elementos culturais produzidos pela coletividade dos homens. Contudo, a contradição desse modelo escolar é o que será transmitido para esses indivíduos, uma vez que para se mudar a realidade é necessário conhecê-la e uma escola que é dominada pelos interesses de uma classe tem como papel manter intacto o poder dela mesma.

Diante disso, a educação para o lazer pode vir a ser um importante instrumento para uma educação emancipatória. Mesmo o lazer nascendo para disciplinar a classe trabalhadora, os seus elementos como prazer, felicidade e diversão podem ser usados para essa educação revolucionária. Nota-se que em ambientes de lazer existe relações sociais não alienadas, onde se vê o indivíduo como indivíduo, se enxerga a si mesmo no outro. Sobre essa emancipação Húngaro e Athayde (2011, p. 69) deixam uma contribuição:

Muitas das nossas práticas de lazer não são expressões de controle e alienação. A prática esportiva com os amigos; a ida ao teatro para assistir a uma grande peça ou a um espetáculo de dança; a ida ao cinema para assistir a um filme que conduza a reflexão; a leitura de um livro que seja expressão de boa literatura; a elaboração e a degustação de uma boa comida com amigos e familiares; a ida ao museu ou a um espaço cultural; a participação política voluntária; entre outras atividades, são expressões de momentos prazerosos nos quais nos apropriamos do desenvolvimento histórico genérico. Tem-se aqui, de um ponto de vista emancipatório, outra possibilidade educativa do lazer.

Nota-se que há formação humana em momentos de lazer. O ponto central é o acesso desses sujeitos a esse lazer não alienado. Neste ponto que a escola se torna um ambiente favorável para a proliferação de uma educação do lazer, pois é nela que grande parte da população passou ou passará uma parte das suas vidas.

É na escola que os indivíduos podem ter acesso as diferentes formas de lazer. Desta forma, a escola vem a ser um campo fértil para a possibilidade de práticas relacionadas ao lazer, não como uma prática dotada de não sentido, mas como uma prática que humanize as pessoas e que apresente as diferentes formas de lazer criadas historicamente pelo conjunto de homens.

Neste caminho, há disciplinas escolares cuja especificidades as colocam como privilegiadas no ensino do/para o lazer, especialmente a Educação Física e Educação Artística. Entretanto, colocar a educação para o lazer no encargo de uma ou outra disciplina escolar será tão somente conservar o que está posto na educação. Diante desse tema, Bracht (2003), realiza uma importante contribuição:

A tese que gostaria de defender é que não responsabilizemos exclusivamente uma ou outra disciplina escolar pela educação para o lazer (a Educação Física e a Educação Artística por exemplo), mas que a escola como um todo assuma a educação para o lazer como tarefa nobre e importante, o que implica em colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso implicaria em uma razoável mudança naquilo que poderíamos chamar de cultura escolar que, diga-se logo, não envolve apenas os saberes e práticas escolares, mas também, o tempo e o espaço. (p. 164)

A mudança da cultura escolar que Bracht (2003), relata somente pode ser alcançada quando se há uma mudança na sociedade em que essa cultura está inserida, haja visto que a escola não é apartada da sociedade. Mesmo com essas implicações, a educação para o lazer pode e deve ser trabalhada com o horizonte de produzir novas relações sociais que sejam de caráter emancipatório.

Tais relações sociais somente podem ser produzidas por indivíduos que conhecem as determinações que a realidade concreta o apresenta, pois não é possível mudar ou produzir algo novo sem conhecer as determinações da realidade. Mais uma vez, a escola entra com um importante papel sobre esse aspecto, Húngaro e Athayde (2011, p.65, apud Saviani (2003, p.15) faz uma contribuição nessa temática:

“A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamamos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso conhecer também a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler,

escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia humanas).”

Ainda que os limites na escola para uma educação emancipatória sejam muitos, é dever dos indivíduos menos alienados a disputa desse espaço a fim de uma construção no horizonte de uma formação humana crítica.

Nesse contexto, a Educação Física Escolar pode se tornar uma disciplina que dispute esse espaço crítico com uma educação para o lazer. Apesar de concordar com a tese de Bracht que a educação para o lazer não deva recair sobre disciplinas em particulares, a Educação Física Escolar por possuir o seu objeto de estudo a cultura corporal, se torna privilegiada em relação a temática do lazer.

A tese da cultura corporal foi desenvolvida por um coletivo de autores no livro Metodologia do Ensino de Educação Física. Segundo estes autores, a cultura corporal será configurada:

“[...] com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem.” (Soares et al., 1992, p. 41)

Ainda segundo o coletivo de autores, destacam a importância dessa temática na escola:

“[...] os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções objetivos da sociedade.” (Soares et al., 1992, p. 42)

Diante disso nota-se que a Educação Física é uma área privilegiada para a construção de uma educação para o lazer já que as formas lúdicas do lazer perpassam pelo objeto de estudo da Educação Física Escolar.

Então, a educação física através da cultura corporal pode estimular uma educação contra hegemônica com ensinamentos que contribuem para emancipação humana. Se no capitalismo a lógica predominante é a competição, o indivíduo como uma ilha solitária na sociedade, o utilitarismo exacerbado, o trabalho alienado, uma educação contra hegemônica deve erudir os indivíduos ao contrário dessa lógica.

Neste caminho, a contribuição da educação física para a educação do lazer se torna imprescindível. Húngaro e Athayde (2011) contribuem para o debate:

Cabe à educação física, de um ponto de vista emancipatório, contribuir com esta “educação para o lazer”. Tal contribuição pode advir do entendimento da “educação corporal” como uma “educação dos sentidos”. A educação física pode contribuir com a educação da visão, do olfato, do paladar, da audição e do tato. Ora, numa “educação para o lazer” é de fundamental importância que os indivíduos vejam melhor, ouçam melhor, enfim, que apurem sua “sensibilidade”. (p. 73)

Portanto, a educação dos sentidos possui um caráter emancipatório, já que quanto mais desnudada a realidade, melhor o indivíduo vê, ouve, aguça o paladar, em síntese, possui mais sensibilidade como dito por Húngaro e Athayde.

Um instrumento que pode ser usado na educação para o lazer em vista de uma educação dos sentidos é a música. A música é uma construção cultural da humanidade que possui particularidades devido ao seu contexto histórico em que foi produzida. Então, existem gêneros, ritmos e melodias variados, enfim, questões que envolvem a particularidade histórica que a música foi criada.

No contexto brasileiro, há um gênero musical que traz diversão, prazer e felicidade para uma grande camada social, mas ao mesmo tempo revela a dureza da realidade concreta e este gênero é o RAP.

### **3.4 O RAP e sua produção de aprendizagem sobre o homem**

A origem do RAP, muito provavelmente, se deu na cidade de Nova York, mais precisamente no bairro do Bronx. Segundo Teperman (2015), para se falar do surgimento do RAP é necessário destacar dois aspectos históricos que contribuíram de forma essencial para esse fenômeno: o sequestro do povo africano (para serem escravizados) também a onda imigratória caribenha para os Estados Unidos da América (EUA), pós Segunda Guerra Mundial.

Diante disso, os caribenhos que chegaram ao EUA, se estabeleceram em bairros periféricos, pois o custo de vida era mais baixo e havia oportunidades de emprego na região. Com isso, os caribenhos começaram a conviver com os afro-americanos (descendentes dos africanos escravizados) que viviam nestes bairros há várias gerações e também com os imigrantes latinos que da mesma forma moravam em bairros periféricos dos EUA.

Um desses bairros era o Bronx, situado na cidade de Nova York. Ainda segundo Teperman (2015), na década de 1970 o Bronx era um bairro abandonado, as condições materiais de vida da população eram péssimas, não havia estímulo ao esporte, ao lazer e a cultura, os jovens do bairro estavam expostos a violência urbana e frequentes guerras de gangues.

Ainda com todos estes percalços, os imigrantes do Bronx nos finais de semana, no verão estadunidense, se reuniam nas ruas com grandes aparelhos de som acoplados nas carrocerias de caminhões e de carros grandes a fim de ter um momento de lazer e cultura. Nestes espaços eram tocadas músicas típicas da cultura afro-americana como funk, soul e reggae, criando assim um clima de festa nas ruas do Bronx. Continuando com Teperman (2015), em seu livro ele ainda traz uma breve explicação sobre a origem das palavras DJ e MC, segue a citação:

Inspirados nos disc jockeys que animavam programas de rádio, se autodenominam DJs. Além disso, usavam um microfone para “falar” com o público, não só entre as músicas, mas também durante a música, como mestres de cerimônia (daí a sigla MC – master of ceremony).

Com o desenvolvimento de novas técnicas a fim de melhorar a batida do som, a tarefa do DJ se complicou e por isso ele não conseguia mais fazer o som e conversar com a plateia. Então, coube um especialista para esta tarefa, o MC. O trabalho do MC era não deixar a plateia parar de dançar e para isso improvisava falas com esse fim.

Durantes um desses improvisos surgiu o termo Hip-Hop. TEPERMAN relata o episódio:

O DJ e MC Lovebug Starski teria criado uma espécie de refrão: Hip hop you don't stop that makes your body rock (quadril, salto, não pare, isso faz seu corpo balançar]. Associar a palavra “hip” [que pode ser traduzida por quadril, mas que também quer dizer “segundo a última moda”] à palavra “hop” [pular ou dançar] era uma maneira graciosa de dizer: não pare de mexer os quadris, não pare de dançar, “essa é a última moda”. A expressão “hip-hop” dava o recado e soava bem. (Teperman, 2015, pág. 19)

Portanto, a origem do hip-hop se deu a partir de uma dança, uma festa, em um momento de lazer das pessoas. Hoje, o hip-hop alcançou outro patamar, ele é um movimento político. Ele engloba, música, dança, grafite, estilo de vida, vestuário, se tornou algo maior do que a sua origem.

Esta virada de chave teve seu início no final da década de 80 com o músico Afrika Bambaataa (Teperman, 2015). O músico criou uma comunidade de hip-hop que tinha a finalidade de combater a violência de gangues promovendo competições dos quatro elementos do hip-hop: DJ, MC, break e grafite. Bambaataa, defendia um quinto elemento a ser inserido na cultura do hip hop: o conhecimento. Segundo Teperman (2015, pág. 27): “a ideia é um contraponto à redução do rap a um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação”.

Este quinto elemento reforça o caráter emancipatório do movimento hip-hop e especialmente do rap. Mesmo antes de acrescentar o conhecimento como um dos elementos do rap, as músicas anteriores a este fato, também possuía uma visão emancipatória, o conhecimento somente reforçou. Sobre isto, Teperman (2015) faz uma contribuição:

[...] Se a partir do fim dos anos 1980 o rap tendeu a se politizar, particularmente no que diz respeito às várias e perversas formas da desigualdade social e racial, nos anos anteriores as letras de rap não tratavam especialmente desses temas. Nem por isso o gênero deixava de ser um forte estruturador de movimentos pela valorização da identidade negra: a música, a dança, o estilo de se vestir são por si só produtores de significado.

Portanto, o rap na sua raiz visa produzir significados de vida para o sujeito, principalmente o sujeito pobre e preto. No Brasil, isso não é diferente, pois grande parte da nossa população é negra e em sua maioria pobre. Para essa população específica brasileira, o único lugar que ela poderá ter uma educação formal é na escola pública.

Ainda reforçando a ideia do rap como instrumento de emancipação humana, DIAS (2019, pág. 185), traz uma visão da importância do que ela denomina de pedagogia do hip-hop:

“[...] a educação baseada na pedagogia do Hip-Hop, está comprometida em transformar os alunos em cidadãos, ao passo em que se mostra também como uma forma de reeducação das nossas relações étnico-raciais, ao mesmo tempo em que oferece ao aluno um currículo moderno baseado em tendências de habilidades e de competências que o auxiliaram em suas relações futuras, tais como: multidisciplinaridade, inteligência social e pensamento crítico os torna capaz de se reinventarem a todo momento.

Para reforçar a ideia revolucionária da pedagogia do Hip-Hop, Dias utiliza da citação Diaz:

“Muitos estudiosos de Hip-Hop concordam que a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire seja a inspiração da pedagogia crítica do Hip-Hop. [...] A teoria de Freire liberta o opressor e oprimido, pondo fim à “cultura do silêncio no qual aqueles socialmente sem posses internalizam as imagens negativas de si mesmos, criadas e propagadas pelo opressor em situações de extrema pobreza” (Freire, 1970). Freire fez isso através do que chamou de “conscientização” ou tomada de consciência, para provocar nos níveis de consciência e por fim seguir na direção da libertação da consciência. (DIAS, 2019, p. 185 apud DIAZ, 2015, p. 173)

Portanto, o Hip-Hop e em especial o RAP, é um instrumento que liberta, emancipa o sujeito através da consciência. Isto é visto tanto na proposta da pedagogia do Hip-Hop como no quinto elemento defendido por Bambaataa. Diante disso, há diversas músicas – particularmente no Brasil – que visam esta emancipação, através de letras que contam o cotidiano da realidade.

Se há músicas que contam este cotidiano, então elas podem ser instrumentos que mudam a realidade, já que, só se muda aquilo que conhecemos. Neste ponto, se encontra o lazer e a educação, pois o rap desnuda a realidade a fim de mudá-la e uma educação revolucionária possui o mesmo propósito.

Algumas destas músicas podem ser encontradas em artistas como Racionais MC's, Eduardo Taddeo, GOG, Criolo, Don L entre vários outros. São artistas que as suas obras devem ser estudadas e apresentadas aos alunos da educação básica, para assim reconhecer a realidade e se reconhecer nas músicas.

Neste caminho, a Educação Física necessita contribuir para essa pedagogia revolucionária que o rap está embarcado. Esta contribuição será na educação corporal e conseqüentemente em educação dos sentidos, tese já defendida por Húngaro e Athayde. Além disso, o rap na escola não será um momento estanque, já que com o seu contato, os alunos serão atravessados por meio do prazer, da catarse e do conhecimento.

### **3.5 Música como reflexão da realidade**

Para finalizar o debate sobre lazer, educação física e RAP, em 1993 no álbum Raio X do Brasil, o grupo Racionais MC's lançou uma música para uma reflexão sobre o acesso ao lazer nas diferentes classes sociais. A música em questão possui o título fim de semana no parque.

O início da canção traz um sujeito que observa como é um final de semana de lazer um bairro afastado do seu e suas diferenças. Em toda música há um tom de

revolta na letra, pois o sujeito constata a grande diferença de acesso ao lazer do seu bairro e do bairro observado. Segue o trecho:

[...] Olha o meu povo nas favelas e vai perceber  
Daqui eu vejo uma caranga do ano  
Toda equipada e um tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado estão indo ao parque  
Eufóricos brinquedos eletrônicos  
Automaticamente eu imagino  
A molecada lá da área como é que tá  
Provavelmente correndo pra lá e pra cá  
Jogando bola descalços nas ruas de terra  
É, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão é o jeito deles  
Eles não têm videogame e às vezes nem televisão

[...] Eles também gostariam de ter bicicletas  
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta  
Gostam de ir ao parque e se divertir  
É que alguém os ensinasse a dirigir  
Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho  
Fim de semana no Parque Santo Antônio

O ponto central da crítica do trecho é destacar o porquê de as pessoas da mesma cidade não possuírem o acesso ao lazer igualitário, principalmente as crianças das favelas. Mesmo sendo uma música de 1993, o acesso ao lazer ainda escasso para a população periférica das cidades. Em Brasília-DF, por exemplo, o próprio site do governo sugere um roteiro de esporte e lazer em que todos os locais são afastados das periferias (Governo do Distrito Federal, 2023).

Esta situação denunciada na música, pode ser trabalhada em aulas de educação física em todos os momentos, pois o acesso à cultura corporal fora da escola está atrelado ao acesso dos alunos ao lazer. Um espaço de lazer nas periferias onde há esporte, jogos, dança, lutas e ginásticas, certamente contribuiria para a formação não formal destes alunos.

Ainda com a música fim de semana no parque, outro trecho de destaque é a contraditória realidade do lazer na periferia. O trecho é o seguinte:

Milhares de casas amontoadas  
Ruas de terra esse é o morro, a minha área me espera  
Gritaria na feira (vamos chegando)  
Pode crer eu gosto disso mais calor humano

Na periferia a alegria é igual  
É quase meio dia a euforia é geral

É lá que moram meus irmãos, meus amigos  
 E a maioria por aqui se parece comigo  
 E eu também sou o bam bam bam e o que manda  
 O pessoal desde às 10 da manhã está no samba  
 Preste atenção no repique e atenção no acorde  
 (Como é que é Mano Brown?)  
 Pode crer pela ordem  
 A número, número 1 em baixa renda da cidade  
 Comunidade zona sul é, dignidade  
 Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro  
 Polícia, a morte, polícia, socorro  
 Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo  
 Pra molecada frequentar, nenhum incentivo  
 O investimento no lazer é muito escasso  
 O centro comunitário é um fracasso  
 Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo  
 Tem bebida e cocaína sempre por perto  
 A cada esquina 100, 200 metros  
 Nem sempre é bom ser esperto

Em um primeiro momento neste fragmento é notório um momento de prazer e alegria na periferia onde o sujeito se vê rodeado pelos amigos e se sente acolhido neste lugar, há um calor humano ali. Porém, no próximo trecho a realidade se escancara. Um lugar onde há humanidade, também está rodeado de violência, falta de estrutura e incentivo para o lazer e por fim, um lugar que pode ser de destruição.

Os últimos trechos são os mais complexos da música. Como um lugar onde o sujeito se vê humano há tanta desgraça? O próximo excerto pode nos dar uma ideia:

Tô cansado dessa porra  
 De toda essa bobagem  
 Alcoolismo, vingança, treta, malandragem  
 Mãe angustiada, filho problemático  
 Famílias destruídas, fins de semana trágicos  
 O sistema quer isso, a molecada tem que aprender  
 Fim de semana no Parque Ipê

A parte do *“sistema quer isso // a molecada tem que aprender”* é o cerne do problema da música. Por que fim de semanas de algumas pessoas são de paz, alegria e de outros é de *“famílias destruídas // fins de semana trágicos”*? Certamente, há uma escolha sobre isso, pois é a humanidade que construiu a sociedade. Então, se há uma sociedade que algumas pessoas possuem fins de semanas de paz e outras não, pode se construir uma sociedade em que todos possuem finais de semana de paz.

Para concluir, a música como prática de ensino pode ensinar professores e alunos sobre questões latentes da realidade. A música fim de semana no parque é um grande exemplo de vários problemas que podem ser pensados, como acesso ao

lazer, classes sociais, racismo, direito a cidade e vários outros. Uma educação crítica e emancipatória deve desnudar a realidade com o intuito de mudá-la e a música, principalmente o RAP, é um instrumento poderosíssimo para esse objetivo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação física possui um importante papel para uma educação emancipatória. Ela pode contribuir com os jogos que visam a coletividade, esportes que trazem a inclusão, danças e lutas típicas de diferentes culturas, diferentes formas de ginástica, entre outros. Estes conteúdos necessitam ser prazerosos, lúdicos para assim ser uma educação para o lazer. Mesmo prazeroso e lúdico, esta educação necessita possuir uma intencionalidade que apresente a cultura corporal produzida historicamente pela humanidade e desnudar as contradições que a envolvem, para assim ser possível o indivíduo mudar a realidade.

Então, cabe à educação física trabalhar o lazer numa perspectiva de sua educação e para isso utilizar da educação dos sentidos a fim de chegar nesse propósito. É nítido que a educação física não tomara o lugar de disciplinas que tratam mais a fundo dessa sensibilidade, como a música e arte, mas se o intuito é educar corporalmente a fim de ter sentidos mais aguçados, é papel da educação física ao menos apresentar conteúdos (filmes, músicas, comidas etc.) que são de lazer e que emancipa o indivíduo. Diante desse cenário, é inconcebível que a escola pública feche as portas para o RAP, já que ele é tão importante para os sujeitos que frequentam estas escolas. Nesse caminho, que entra a educação para o lazer a fim de sanar esse desafio.

O RAP como instrumento de emancipação humana, precisa ser trabalhado de forma complexa, pois é um fenômeno complexo. Para tal, é necessário que parta do complexo para o simples, isto é, olhar para o fenômeno e destrinchar os seus determinantes. Para isso, é necessário que a escola toda esteja alinhada a esse objetivo. Precisa haver uma interdisciplinaridade, pois não é possível que um só campo de conhecimento consiga pensar sobre grande parte das determinações do RAP. A literatura pode estudar os versos criados, a geografia estudar os locais que

saíram os rappers, a educação física através dos sentidos pode trabalhar o ouvido e também a dança, enfim, inúmeros são as possibilidades para essa abordagem.

Em síntese, o RAP como possibilidade de lazer emancipatória nas aulas de educação física possui um grande potencial, haja visto que, as suas letras contam a realidade. Conhecer a realidade é primordial para uma sociedade que busca a emancipação humana.

## 5 REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **Educação física escolar e lazer**. In: WERNECK, C. L. G. e ISAYAMA, H. F. (orgs.) Lazer, recreação e educação física. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

BROWN, Mano; ROCK, Edi. **Fim de Semana No Parque**. 1993. Música do álbum Raio X do Brasil do grupo Racionais MC's. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

DIAS, Cristiane Correia. **A pedagogia hip-hop: consciência, resistência e saberes em luta**. Curitiba: Appris, 2019.

DISTRITO FEDERAL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **ROTEIRO ESPORTE E LAZER**. Disponível em: <https://www.df.gov.br/roteiro-esporte-e-lazer/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

FREITAS, Luiz Carlos de; CALDART, Roseli Salete (org.). **Uma construção da pedagogia socialista: escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

GRESPLAN, Jorge. **Marx: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2021.

HÚNGARO, Edson Marcelo. **MODERNIDADE E TOTALIDADE: em defesa de uma categoria ontológica**. 2001. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

HÚNGARO, Edson Marcelo; ATHAYDE, Pedro Fernando Avalone. **Lazer, Trabalho e Sociedade**. Brasília, 2011.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. **Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa**. CIAIQ2015, v. 2, 2015.

MARCASSA, Luciana. **Do ócio ao lazer: uma (re)significação dos usos do tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap07.htm>. Acesso em: 07 fev. 2023.

MEDINA, João Paulo S. **A educação física cuida do corpo e "mente"**. 26. ed. Campinas: Papyrus, 2013

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. - (Coleção educação contemporânea)

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1962.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.